

## O Rio de Janeiro e a desconstrução de um paraíso: literatura e crítica social na escrita de Lima Barreto

Carlos Eduardo Louzada Madeira<sup>1</sup> (UERJ)

### Resumo:

*O período em que escreve Lima Barreto encerra elementos que assinalam uma acentuada transformação nas estruturas sociais e também uma sensível aceleração do ritmo de vida nas grandes cidades, cada vez mais dinâmicas e complexas. As obras de modernização por que passa o Rio de Janeiro no início do século XX embutem uma tentativa de encobrimento das mazelas sociais acumuladas ao longo dos séculos. Essa estética do belo reveste de falso reformismo um progresso que, na verdade, tem alcance restrito. Tal estado de coisas desfaz a imagem romântica de um nacionalismo baseado na pitoresca paisagem dos trópicos, imagem esta que precisa ser reinterpretada com criticidade. É um Rio de Janeiro que Lima Barreto captura e reorganiza, materializando sob a forma de narrativa ficcional a cidade que tanto admira e que não mais se permite enxergar como paraíso diante dos males que a assolam.*

**Palavras-chave:** Lima Barreto, Rio de Janeiro, literatura brasileira, modernidade, crítica social

### Introdução

Em sua crônica “As enchentes”, publicada no *Correio da Noite* em 19 de janeiro de 1915, Lima Barreto decreta: “Infelizmente [...] nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana [...]”. Essas palavras sintetizam de alguma forma um sentimento que viria a perpassar todo o conjunto de sua obra: a preocupação social, *lato sensu*.

O autor foi um dos primeiros e mais incisivos cronistas da cidade do Rio de Janeiro, espaço que habitou por toda a vida, exibindo em seus textos uma rebeldia patente contra um *modus vivendi* pseudo-europeu que paramentava o corpo do moderno em terras brasílicas. Seu estilo crítico e realista apresentava sem floreios um painel que expunha as assimetrias de uma sociedade desigual recém-convertida à República.

Apesar do generoso legado de crônicas, é também nos contos e romances que nos deparamos com o entrecorte do olhar crítico sobre a cidade em seus aspectos mais variados. Cidade, importa dizer, que se desdobra paradoxalmente numa visão de país. Ou seja, impõe-se a percepção de que, apesar do ambiente fisicamente circunscrito à então capital da República, abordar a obra de Lima Barreto por um viés estritamente localista constitui um equívoco que empobrece e limita a sua recepção.

Vale a observação de Beatriz Resende:

Os limites do município, de onde nunca saía, ou as contingências de morador dos subúrbios jamais serão limitação à sua visão revolucionária, às avaliações da conjuntura política do país ou à clarividente análise das relações internacionais, crítica de todo sentimento excludente como pode ser, por exemplo, o patriotismo. Seu permanente sentimento democrático o guiará nas travessias por ruas, praças, prédios, repartições, instituições culturais que quis sempre fossem partilhadas por todos sem constrangimentos causados por cor, condição social, aparência ou gostos. (RESENDE, 2005. p.09).

No início do século XX, são iniciadas na cidade grandes reformas arquitetônicas e urbanísticas que pretendiam modernizar e valorizar o centro político e financeiro da nação. Imbuídas do ímpeto positivista de ordem e progresso, e amparadas pelo estatuto de verdade da ciência, as esferas governamentais dão início a um grande projeto para imunizar o organismo citadino contra os resquícios de um passado monárquico e insalubre. O frenesi do progresso técnico-científico impunha movimentos autoritários em nome de ideais de limpeza e purificação, que colocariam o país nos trilhos da modernidade.

A imprensa da época, de um modo geral, parecia saudar com entusiasmo os programas oficiais de modernização da cidade. Havia, no entanto, uma movimentação no meio jornalístico que, por meio de charges e caricaturas, principalmente, expunha o caráter artificial da política reformista republicana. A revista *A Avenida*, por exemplo, publicava com frequência representações irônicas de uma modernidade que estava profundamente atrelada ao passado, mantendo, ou até mesmo aprofundando, as desigualdades sociais que já então se evidenciavam.

Note-se, porém, que os críticos não se voltavam contra os programas de reforma urbana, que por si só eram entendidos como desejáveis e necessários, mas contra a forma como foram implementados. O modelo era o europeu e o caminho natural era que se buscasse reproduzir a imagem vista no espelho. Entretanto, a mera transposição do paradigma externo num contexto socioeconômico bastante diverso daquele que lhe servia de inspiração estava inevitavelmente fadada ao malogro. Era sensível a ausência de diretrizes que procurassem dar conta do aspecto social e a eterna política de reconciliação com o passado ajudava na manutenção dos vícios e defeitos de uma sociedade já em notório desequilíbrio.

O nacional em Lima Barreto está na contramão do ufanismo acrítico que inflama o entusiasmo ingênuo do Major Quaresma. No universo narrativo do autor a cor local está desbotada, pálida, esmaecida, deixando entrever na paisagem elementos que desabonam uma leitura fundada no pitoresco e no paradisíaco.

## **1 Breve panorama literário e ideológico do Brasil no início do século XX**

De acordo com Alfredo Bosi, “o grosso da literatura anterior à ‘Semana’ foi [...] pouco inovador” (BOSI, 1994. p.306). Como exceções, são citados autores como Graça Aranha, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Monteiro Lobato e, naturalmente, Lima Barreto. Parecia haver, naquele momento, basicamente uma repetição de ideais que já circulavam nos textos do final do século XIX.

Esse período, batizado com o controverso título de pré-modernista, encerrava uma série de obras que não raro se impregnavam de características de uma ou mais escolas, que de alguma forma se entrecruzavam e/ou se modificavam. A manutenção de certos caracteres acabou inclusive por se insinuar no batismo de algumas tendências literárias, como as neoparnasianas, neo-simbolistas ou neo-românticas, termos que deixam bem marcado o vínculo com o conjunto de idéias a que remetem.

Presente também se fazia sentir o ímpeto nacionalista, muitas vezes fanatizador, que acabava distanciando a literatura dos aspectos que efetivamente poderiam contribuir para uma reavaliação produtiva das injustiças sociais. Trilhando um caminho aberto pelas prosas realista e regionalista, muitos autores buscavam de alguma forma incorporar em suas obras elementos que representassem os aspectos sociopolíticos que caracterizavam o país naquele momento.

A abordagem de Lima Barreto é tida como um dos pontos altos da literatura brasileira no período. Com um estilo que de alguma maneira desabonava o rebuscamento artificial da *belle époque*, o escritor expunha problemas como a pobreza e o preconceito racial, além de ironizar os excessos cometidos em nome de um patriotismo cegante, como o fizera em *Triste fim de Policarpo Quares-*

ma. Mostrava-se desanimado com a direção que tomava a economia nacional, vindo com clareza, já no seu tempo, mazelas e distorções que viriam a se agravar ainda mais com o passar das décadas. Diz o autor, em tom marcadamente atual:

Nunca houve tempo, em que se inventassem com tanta perfeição tantas ladroeiras legais. A fortuna particular de alguns, em menos de dez, quase que quintuplicou; mas o Estado, os pequenos burgueses e o povo, pouco a pouco, foram caindo na miséria mais atroz.

O povo do campo, dos latifúndios (fazendas) e empresas deixou a agricultura e correu para a cidade atraído pela alta dos salários; era porém uma ilusão, pois a vida tornou-se caríssima. Os que lá ficaram, roídos pela doença e pela bebida, deixaram-se ficar vivendo num desânimo de agruras. Os salários eram baixíssimos e não lhes davam com que se alimentassem razoavelmente; andavam quase nus; as suas casas eram sujíssimas e cheias de insetos parasitas, transmissores de moléstias terríveis. (apud SEVCENKO, 1983. p.187)

Outro aspecto que ainda se manifestava com muita força naquele início de século era o cientificismo, que Lima Barreto por diversas vezes procurou criticar e desautorizar, em especial no que dizia respeito à categorização inflexível dos indivíduos e da conduta humana. Em termos literários, a voga cientificista atingiu seu auge com o Naturalismo, que por aqui se fixou a partir da década de 1880.

O cientificismo, influenciado em grande parte pelas idéias de Darwin, operava por meio de estratégias redutoras voltadas para a dependência do homem em relação ao meio e à herança racial. Predominava um enfoque determinista que moldava essa figuração de mundo. A rápida disseminação das teorias científicas contribuiu de forma significativa para reforçar a euforia das sociedades européias com o progresso, sendo os seus métodos de análise aplicados também aos estudos sociais. A legitimidade do discurso científico era atestada *a priori*, adquirindo um *status* dificilmente contestado. Esse fenômeno foi percebido por Machado de Assis, que em *O alienista* (1881) dissecou ironicamente os mecanismos de atuação dessa estrutura de pensamento.

Também Lima Barreto demonstrava preocupação com o absolutismo científico que se instalara no final do século XIX e que adentrara o século seguinte, em especial no que tinha de íntimo com a hierarquização social e as noções de superioridade que norteavam o discurso colonialista europeu e o das classes dominantes no Brasil. Sobre isso, diz Nicolau Sevcenko:

O que lhe causava consternação [referindo-se a Lima Barreto] e incitava suas diatribes insistentes, era o cunho marcadamente discriminatório da ciência da passagem do século, sugestionada e impulsionadora da expansão colonialista das metrópoles européias. Era confessadamente uma reação defensiva de colonizado diante da avalanche colonizadora. “É que senti, explicava o autor inconformado, que a ciência não é assim um cochicho de Deus aos homens da Europa sobre a misteriosa organização do mundo”. Inevitavelmente, as tais teorias de superioridade e inferioridade racial encontrariam pronta aceitação na sociedade local, de poucos recursos, onde a concorrência pelas oportunidades era tão dramática que qualquer forma de eliminação ou desmoralização de concorrentes era bem-vinda (sic). Além do mais havia a herança da escravidão recente para ser contraposta a qualquer dúvida escrupulosa. Tais teorias, sobre serem falsas, acabavam contudo dando substância e pretensa validade para atitudes segregacionistas que de outra forma se acanhariam diante do mero bom senso. O efeito de sua difusão numa sociedade pluriétnica como a brasileira eram facilmente previsíveis. (SEVCENKO, 1983. p.174-175)

Essa correlação entre o fatalismo segregante do discurso científico e as estratégias de atuação dos grupos dirigentes é especialmente abordada por Lima Barreto no *Diário do Hospício* e no que nos chegou do romance inacabado *O cemitério dos vivos*. Desenvolvendo suas narrativas com base num enfoque predominantemente social, o autor acaba produzindo uma literatura de alcance mais

amplo, por vezes calcada num humanismo universalista que extrapola a mera representação documental.

## **2 Repicam os si(g)nos da modernidade**

A abrangência do conceito de moderno pode variar bastante dependendo das fontes e dos objetivos implicados. Considerando o contexto brasileiro e o período em que vive Lima Barreto, procura-se aqui pensar a modernidade no que ela tem de revolucionária em relação a um modo de vida anterior que se poderia ter como relativamente estabilizado.

Recuando, porém, um pouco no tempo, já é possível encontrar no pensamento de autores como Charles Baudelaire e Jean-Jacques Rousseau algumas reflexões importantes sobre o assunto. Escrevendo em meados do século XIX, afirma Baudelaire em *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*: “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável” (BAUDELAIRE, 1996. p.26).

Analisando o mesmo texto do poeta francês, comenta Marshall Berman: “Aqui a vida moderna surge como um grande *show* de moda, um sistema de aparições deslumbrantes, brilhantes fachadas, espetaculares triunfos de decoração e estilo” (BERMAN, 2007. p.163). É o desfile do não permanente, do facilmente olvidável.

Berman, citando a novela *A nova Heloísa* (1761), de Rousseau, reforça a percepção do moderno como redemoinho, “turbilhão social”, apontada pelo pensador suíço em seu texto. Para Berman:

Essa atmosfera — de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto-expansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma — é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna. (*Idem*. p.27-28)

O moderno implica, em grande parte, a idéia de mobilidade, que se pode traduzir de diversas maneiras. Com a crescente industrialização das cidades e o desenvolvimento vertiginoso dos ambientes urbanos, um grande contingente de indivíduos se vê obrigado a abandonar o campo, buscando no deslocamento para as áreas que agora concentram as oportunidades do novo tempo talvez a única alternativa viável de sobrevivência. Esse movimento de desagrarização marca também um sentimento de desterritorialização no que tange a um espaço que era antes percebido como parte integrante, ou mesmo essencial, da identidade do sujeito. Liberado de sua condição rural e sedentária, o indivíduo assume agora uma existência semi-nômade, multilocal. (SLOTERDIJK)

Nesse novo contexto de percepção do diálogo espaço-indivíduo, o homem moderno redefine suas relações sociais e formula novas estratégias de adaptação. Reestruturar o ambiente urbano significa cumprir as exigências da economia moderna, remodelando as cidades e sedimentando uma ruptura mais profunda em relação à antiga organização de mundo agrária. Instaura-se em definitivo uma oposição entre o natural e o artificial.

O fim do século XIX faz ver um mundo profundamente modificado, cujos moldes se elaboram agora nos pátios das grandes fábricas. Nesse novo universo acelerado, de configuração industrial, que avança pelo século seguinte, a paisagem é bem outra. Diz Marshall Berman:

Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de *media*, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização

de baixo para cima; um mercado mundial que tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estorpecido desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade. (BERMAN, 2007. p.28)

O Rio de Janeiro encarna um novo projeto de Brasil, republicano, que busca sua inserção nos paradigmas da modernidade européia. As obras de revitalização do espaço público realizadas por aqui no início do século XX pretendiam levar ao atingimento dos objetivos desse projeto de inserção. A cidade remodelada deveria sobretudo emoldurar uma nova imagem de país, caminhando na direção de um mundo que se pudesse ter por civilizado.

A título de ilustração, pode-se citar a abertura da Avenida Central, que foi inaugurada em novembro de 1905. A avenida, símbolo urbanístico fundamental dentro do processo civilizatório moderno, chegava ao Brasil. Conduzido pelo então prefeito Pereira Passos, o ousado projeto exigiu a demolição de quase seiscentas construções antigas, o deslocamento de milhares de pessoas e o deslocamento de inúmeros estabelecimentos comerciais, além de implicar infindáveis obras para instalações de esgoto, água, luz e eletricidade.

A idéia era transformar a capital da República numa cidade digna do século XX, fazendo, por extensão, com que o Brasil viesse a figurar no cenário internacional, mostrando o seu rosto e a sua importância no contexto latino-americano. A abertura de ruas e avenidas está também relacionada à idéia de mobilidade, fundamental na configuração moderna. Não se desfaz, no entanto, o descompasso entre os movimentos de modernização formal e urbanística e as debilidades que limitam o trânsito dos atores sociais.

### **3 Paraíso em decomposição**

Em seu ensaio “Duas notas sobre Machado de Assis”, Roberto Schwarz fala sobre o comprometimento com o “colorido nacional”, que se presumia indissociável da atividade literária no Brasil do século XIX. Explica Schwarz que Machado se via constantemente criticado na sua “falta de intenção” para com os objetivos político-culturais do país. A ausência do pitoresco e do discurso de exaltação da natureza e da terra faria dele um “escritor estrangeirado”.

Tampouco se via em sua obra a figura idealizada e emblemática do índio, bandeira levantada pelos românticos como forma de bem fixar e caracterizar a identidade do país. A esse respeito, vale lembrar aqui a observação de Nelson Werneck Sodré, citada por Carlos Nelson Coutinho, de que o indianismo ocultaria um desprezo pela realidade social concreta representada pelo escravo negro. A intenção de colocar o índio como legítimo representante da nação simbolizaria um culto ao ideal em detrimento do real, cumprindo evidente função escapista.

O fato é que Machado, ao elaborar com sutileza e sofisticação um estilo universalista que, na verdade, abarca o local, de certa forma subverte a imagem exótica dos trópicos que se vinha construindo ao longo do século XIX. Subverte por meio da supressão. A ausência de um discurso de mitificação nas narrativas machadianas marca uma ultrapassagem em relação ao realismo determinista e em relação a um insistente idealismo romântico.

Lima Barreto não recusa a exuberância natural da geografia carioca. Pelo contrário, em alguns de seus textos essa natureza aparece como uma espécie de pintura no meio da paisagem árida da cidade, estando por vezes ligada à identidade de um personagem, que com ela estabelece uma relação orgânica, como em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Ocorre que o autor não perde de vista o aspecto social, principalmente quando implicadas questões voltadas para a desigualdade, que se insinuam com frequência em sua obra.

Flanando pela urbe e observando a paisagem morta dos subúrbios apinhados da gente miserável que não interessa à modernidade republicana acolher, Lima Barreto registra a bizarra (des)organização espacial que já impunha sua marca na imagética nacional. Com as primeiras fave-

las, desenham-se na paisagem constrangedoras moradas anti-edênicas que vêm se juntar aos velhos cortiços e às demais habitações miseráveis que já se espalhavam pela cidade.

Sobre esse aspecto, é particularmente representativa a passagem abaixo, extraída de *Clara dos Anjos*:

[...] Passamos por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma gruta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco que, para ser alcançado, torna-se preciso descer uma ladeirota quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu [...]

Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. (BARRETO, 2006. p.82)

No trecho acima está presente também a idéia do espaço em processo de degradação, habitado por um contingente de indivíduos que a cidade não incorporava em seus projetos. Espaço corrompido, que, neste caso, vem a ser a mesma natureza que em outros momentos aparece pintada com cores vivas, vivificantes. O autor não se furta à representação da terra pelo viés realista, contrastando, nesse sentido, com um idealismo que procurava construir uma nação artificialmente fundada no idílico.

Em vez de estar associada à imagem de terra generosa, fértil, que “tudo dá”, a natureza aparece aqui descrita com um peso que sugere certa melancolia, certo pessimismo. Vista desta forma, a narrativa de Lima Barreto se aproximaria da de Machado no que ela não tem de partidária de um esquema de massificação imagética primaveril.

No espaço literário limabarretiano o entrecorte social é inevitável. O habitante do campo ou da periferia aparece não raro infectado por uma ausência de perspectivas que se justifica pelo abandono e pelo isolamento a que está submetido num contexto econômico em que o desenvolvimento se concentra em pequenos nichos de terra e está disponível apenas para alguns. Imagem semelhante aparece na pungente descrição de Monteiro Lobato: “[...] o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele no meio de tanta vida, não vive...” (LOBATO, 1967. p.291-292).

Também em *Triste fim de Policarpo Quaresma* Lima Barreto segue descrevendo a ocupação irregular dos espaços nos subúrbios, dentro e fora das habitações:

Num trecho, há casas amontoadas umas sobre as outras numa angústia de espaço desoladora, logo adiante um vasto campo abre ao nosso olhar uma ampla perspectiva [...] Casas que mal dariam para uma pequena família são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino. (BARRETO, 2002. p.84-85)

Sabedor de que a paisagem estabelece com o indivíduo uma relação dialógica determinante para o desenvolvimento de uma identidade nacional, o autor se propõe a explorar a topografia natu-

ral e cultural da cidade. Procura esclarecer de que maneira esse diálogo acontece, filtrando-o impreterivelmente com um olhar crítico.

## **Conclusão**

Escrevendo sobre Lima Barreto em seu ensaio “Os olhos, a barca e o espelho”, Antonio Candido ressalta logo de início a função social que, para o autor carioca, deveria ter a atividade literária. Nas palavras de Candido:

Para Lima Barreto a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as idéias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isto, porque no seu modo de entender ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência. (CANDIDO, 2006. p.47)

Mais adiante, o crítico afirma que esta “concepção empenhada” pode ter atrapalhado o desenvolvimento e a realização de Lima como ficcionista. Embora reconheça nele “um autor vivo e penetrante”, argumenta Candido que o valor documental de sua obra sobrepuja a criação estética, “como se o fato e a elaboração não fossem de todo distintos para quem a literatura era uma espécie de paixão e dever” (*Idem*. p.48).

Contrapondo-se a uma concepção literária que prestigia a forma, a escrita artisticamente realizada, Carlos Nelson Coutinho vai recusar os argumentos de que Lima Barreto seria um escritor desigual, defeituoso, sem domínio da técnica literária. Para ele, Lima desempenha um papel crucial na “formação da autoconsciência da humanidade”, fundada na observação social. Diz Coutinho:

Lima Barreto não pode ser “reinterpretado”, ou seja, mutilado ou empobrecido a fim de servir aos propósitos das correntes esteticistas ou reacionárias no campo da literatura; o inequívoco caráter realista e democrático-popular de sua obra se impõe com tal evidência, de modo tão absolutamente insofismável, que os cultores brasileiros do esteticismo só podem reagir diante dela com o silêncio e a mistificação. (COUTINHO, 2005. p.102)

Se tivéssemos de escolher um adjetivo que de alguma forma sintetizasse o espírito do autor, talvez fôssemos tentados a optar pelo termo inconformista. Nesse sentido, as opiniões acima de certa forma se encontrariam, uma vez que é esse mesmo inconformismo a mola propulsora da missão socioliterária de Lima, que se traduz numa linguagem despojada de ornamentos, mas profundamente eficaz. A natureza contestadora do romancista permeia toda a sua obra, em especial quando se sente na obrigação de “desmascarar a sociedade”, para usar a expressão de Candido.

A dinâmica do moderno europeu impõe uma realidade em que, resolvida a questão básica da sobrevivência, começa a se estabelecer uma cultura de abundância. A crescente mobilidade social relacionada ao desenvolvimento tecnológico e industrial potencializa essa tendência na paisagem e no estilo de vida do Velho Mundo. Considerado o contexto brasileiro, no entanto, essa exuberância de caminhos adquire uma configuração tortuosa, ficando, na verdade, reduzida a uma promessa que não se cumpre. A obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, numa leitura atualizada, talvez possa dar conta de expor essa desproporção.

Quando problematiza a antiabundância no universo da América Latina, situando-a na ambiência do Rio de Janeiro, o autor denuncia o reformismo de fachada, caracterizado pelo transplante puro e simples de técnicas de embelezamento urbanístico como sinônimo de progresso e modernização. Denuncia, sobretudo, o anti-humanismo embutido nos projetos da República, que transfigura de modo definitivo a percepção espacial da cidade.

## **Referências Bibliográficas**

- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. 4ª ed. Organizado por Teixeira Coelho. Coleção Leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo, Brasiliense, 1967.
- RESENDE, Beatriz (organização, seleção e prefácio). *Lima Barreto*. Coleção Melhores Crônicas. São Paulo: Global, 2005.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III. Espumas*. Madrid: Siruela, 2006.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> **Carlos Eduardo Louzada MADEIRA, Mestrando.**  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras  
E-mail: carloselmadeira@gmail.com